

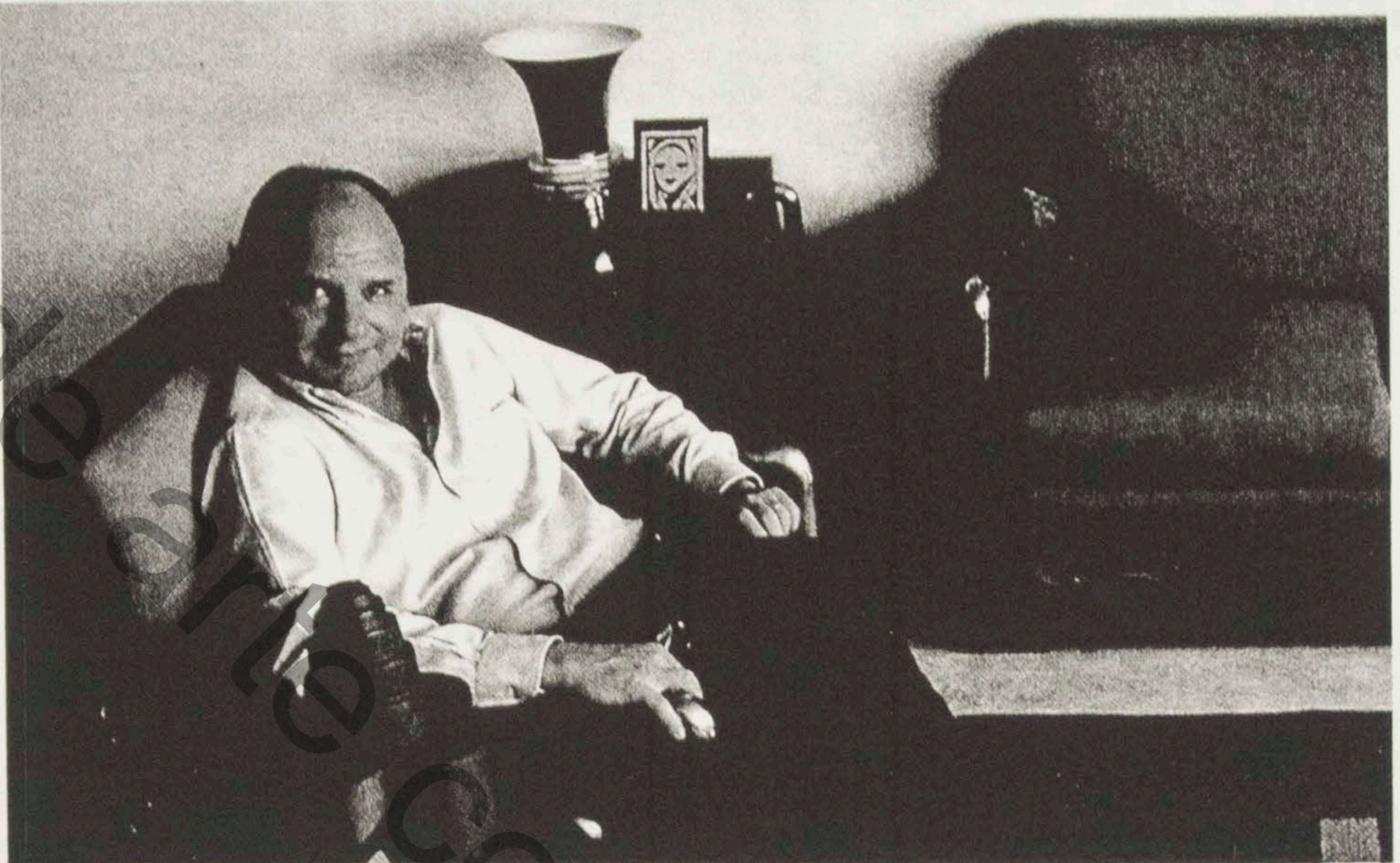
LEIRNER

A RAZÃO SENSÍVEL DOS ANOS CINQUENTA

Um discreto senhor de 50 anos, Adolpho Leirner, engenheiro têxtil de profissão, é talvez um dos maiores colecionadores de arte abstrata geométrica brasileira dos anos cinquenta. Em um belo e espaçoso apartamento no Bairro de Higienópolis, em São Paulo, Leirner esconde um acervo raro, cujo embrião, uma pintura de Milton Dacosta, "Em Vermelho", de 1958, marcou o início de sua paixão avassaladora pela tendência.

Ele não sabe ao certo, como sinônimo de modéstia, quantos trabalhos possui do gênero, embora não seja somente um colecionador da arte abstrata geométrica brasileira dos anos cinquenta: em suas salas, quartos e outros espaços, escondem-se trabalhos de artistas figurativos e pequenas delicadezas de art-déco. "É bom que isso fique claro", afirma, "caso contrário irão pensar que na minha casa só existem risquinhos", ironiza, sério. Porém, Adolpho Leirner esforçou-se para formar uma "coerente coleção de construtivistas brasileiros", dos anos cinquenta, acrescente-se.

É seu esforço não tem sido em vão. Entre todos os construtivistas geométricos dos anos cinquenta — como Hélio Oiticica, Lygia Clark, Flaminio Piccoli, Flexor, Waldemar Cordeiro e, ainda, Leontina, Volpi, Amílcar de Castro e muitos outros —, Leirner somente guarda o desejo de um trabalho do artista Aluísio



Adolpho Leirner em sua residência

Carvão, de uma produção localizada entre 1953 e 56.

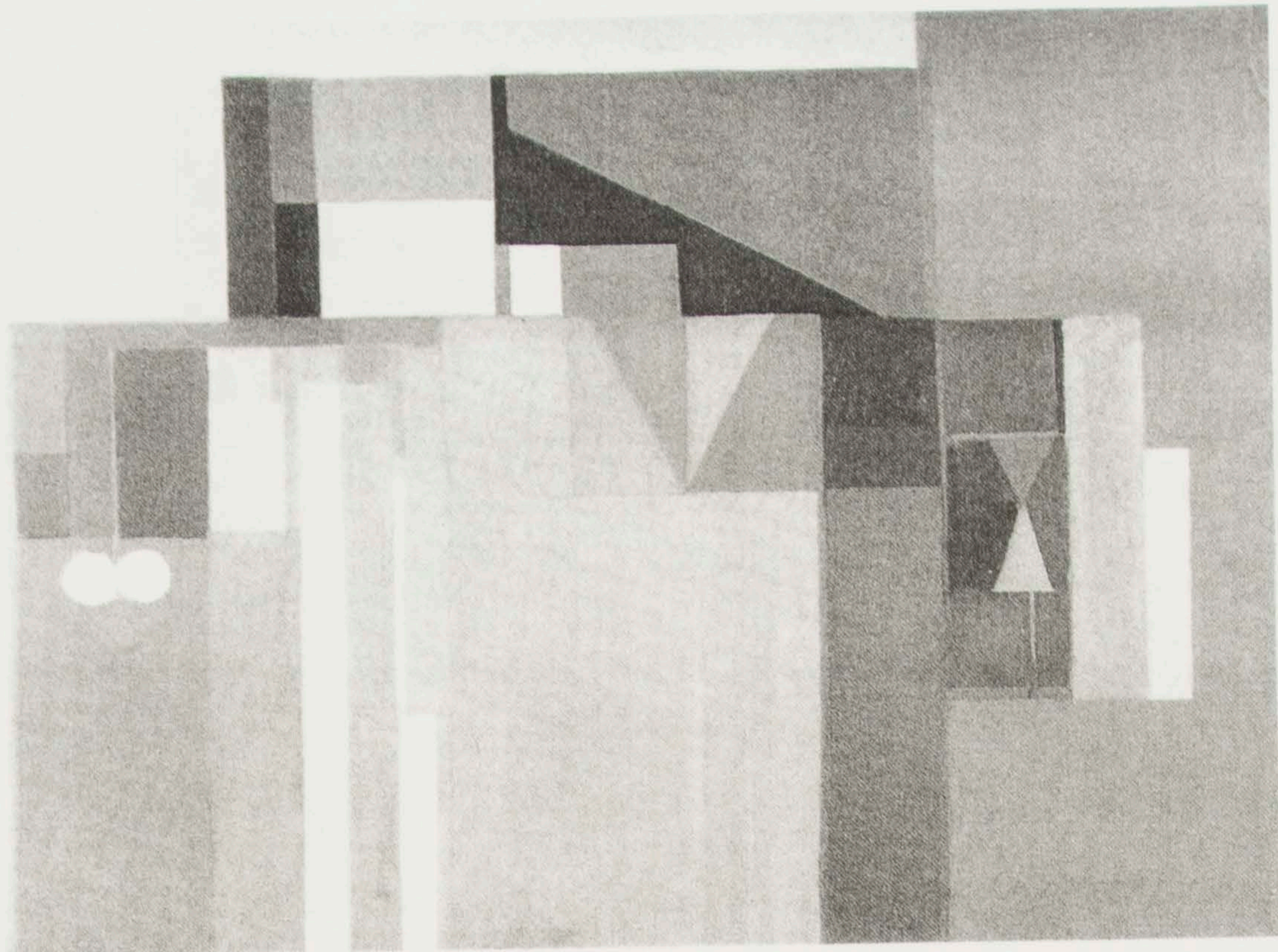
No último ano, principalmente, Adolpho Leirner tem sentido na carne de colecionador do gênero um repentino modismo do mercado de artes plásticas sobre essa sua predileta fatia de estilo. "Não tenho qualquer vergonha em dizer que procuro um Carvão dessa época", diz. "Agora se encontrá-lo, e gostar, farei uma troca. Claro que não me submeterei aos preços do mercado. Acho que essas cotações dos brasileiros estão bem superiores aos dos europeus do mesmo período. Um absurdo", completa.

As cifras, e as dificuldades, ficam para depois, após o estágio em que se explicita a paixão do colecionador

Leirner por suas obras. Em princípio, ele explica que sua coleção foi formada — coisa rara — em contato direto com os artistas, em uma convivência quase diária, sob troca de experiências e opiniões. Um gesto de ousadia e de bom-gosto, por certo. "É um acervo construído diretamente com os autores. Não foram comprados em feilões, galerias, nada disso. Até pela dificuldade deles próprios, que produziram muito pouco e que não tinham marchands, nem nada. Aliás, nem viviam de arte, pois eram designers, arquitetos. Há também o problema da qualidade técnica das obras. Em geral, eles se utilizaram de materiais de baixa qualidade, de uma má tinta etc. E hoje todos esses

Revista Galaxia, SP.

(2): 26-30, } nov/dez/jan/fev. 1986
(2): 78-79, }



Trabalho de Ivan Serpa, "Faixas Ritmadas", de 1953 (à dir.)

"Os Episódios II", de 1959, de Maria Leontina

colecionadores querem restaurar esses trabalhos. Eu sou contra: eles não devem ser tocados", afirma.

Há ainda um exemplo em sua árvore genealógica que clarifica sua paixão pelo gênero construtivista. Há algumas décadas, quando se realizou no Museu de Arte de São Paulo, MASP, o primeiro leilão de artes plásticas beneficente para a construção do Hospital Albert Einstein. Zimon Leirner, pai de Adolpho,

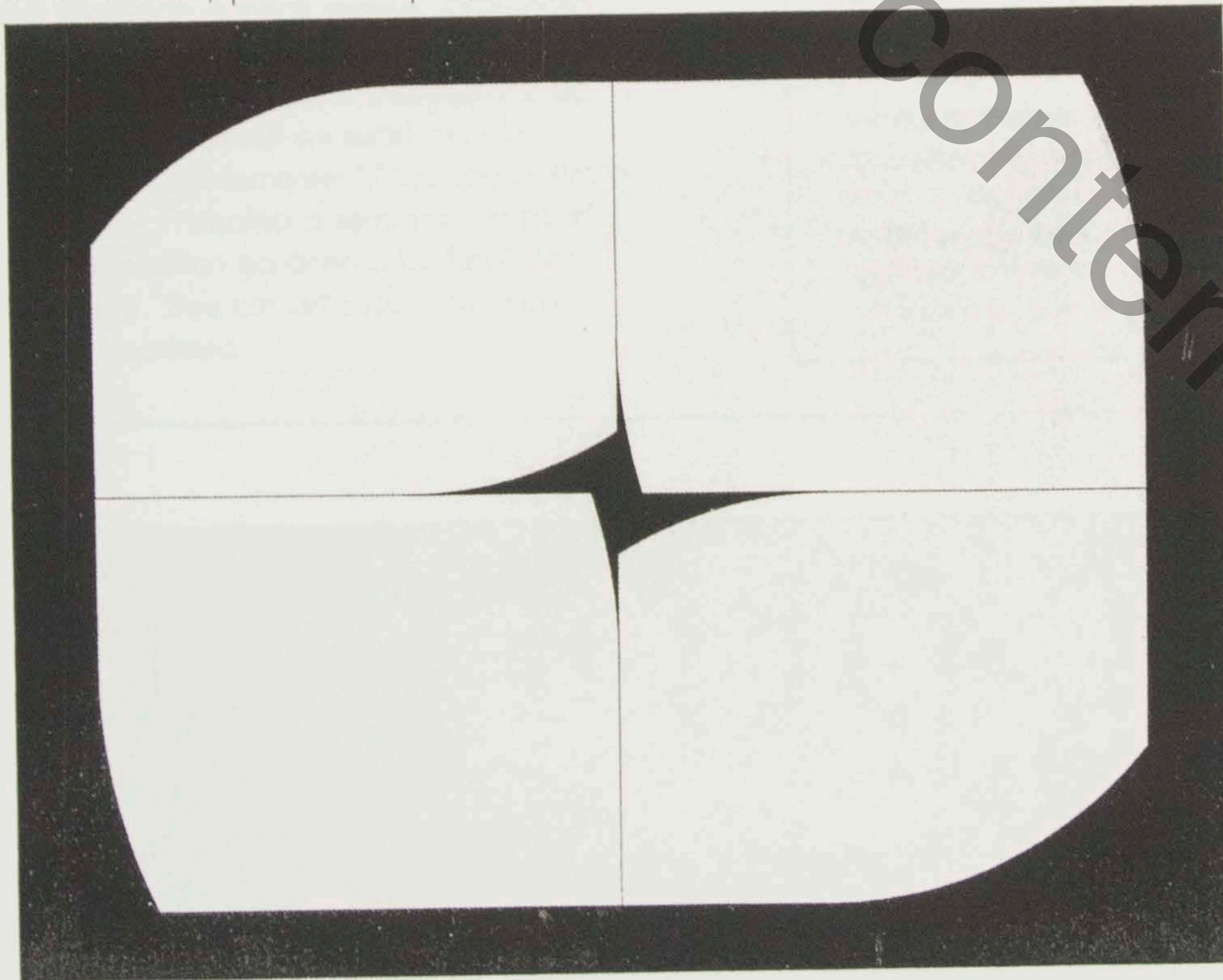
comprometeu-se a comprar todos os trabalhos que não tivessem alcançado o lance mínimo. Resultado, segundo o filho: "Eram quase que todos quadros construtivistas. No lote, vieram muitos bagulhos e coisas interessantes". Este quilate de acervo terminou pulverizado entre os familiares do senhor Zimon, após sua morte. Pela mesma época, Isai Leirner, irmão de Zimon e tio de Adolpho, criou o Prêmio Leirner de Arte

Contemporânea, na Galeria Folhas de propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A., a que edita o jornal *Folha de S. Paulo*. A inspiração do prêmio partiu de Waldemar Cordeiro, na época editor de arte do matutino, e considerado um dos maiores artistas construtivistas geométricos brasileiros dos anos cinquenta.

Taí a genealogia familiar. Como engenheiro têxtil, formado no Brasil e com pós-graduação em universidades britânicas, Adolpho Leirner encontra facilidade – ou modéstia – para localizar seu gosto pelo geométrico construtivista. "Há trinta anos eu passo meus dias diante de um papel quadriculado sobre a minha mesa. Vejo essas formas diariamente. Minha formação é hermética, perfeccionista – e acho que isso me bateu ao formar meu acervo."

"Não à toa, Leirner coloca seu visar em outras formações: foi aluno de dois mestres da Bauhaus, Johannes Itten e Josef Albers. "Sempre me interessei pela arquitetura, desenho industrial, e, pelo contato com o uso da cor, acredito que influenciado por esses dois homens-mestres da Bauhaus", conta.

Como colecionador, Adolpho Leirner é uma pessoa bastante exigente. De bom-gosto. "Não quero comprar tudo, ter tudo. Quis formar



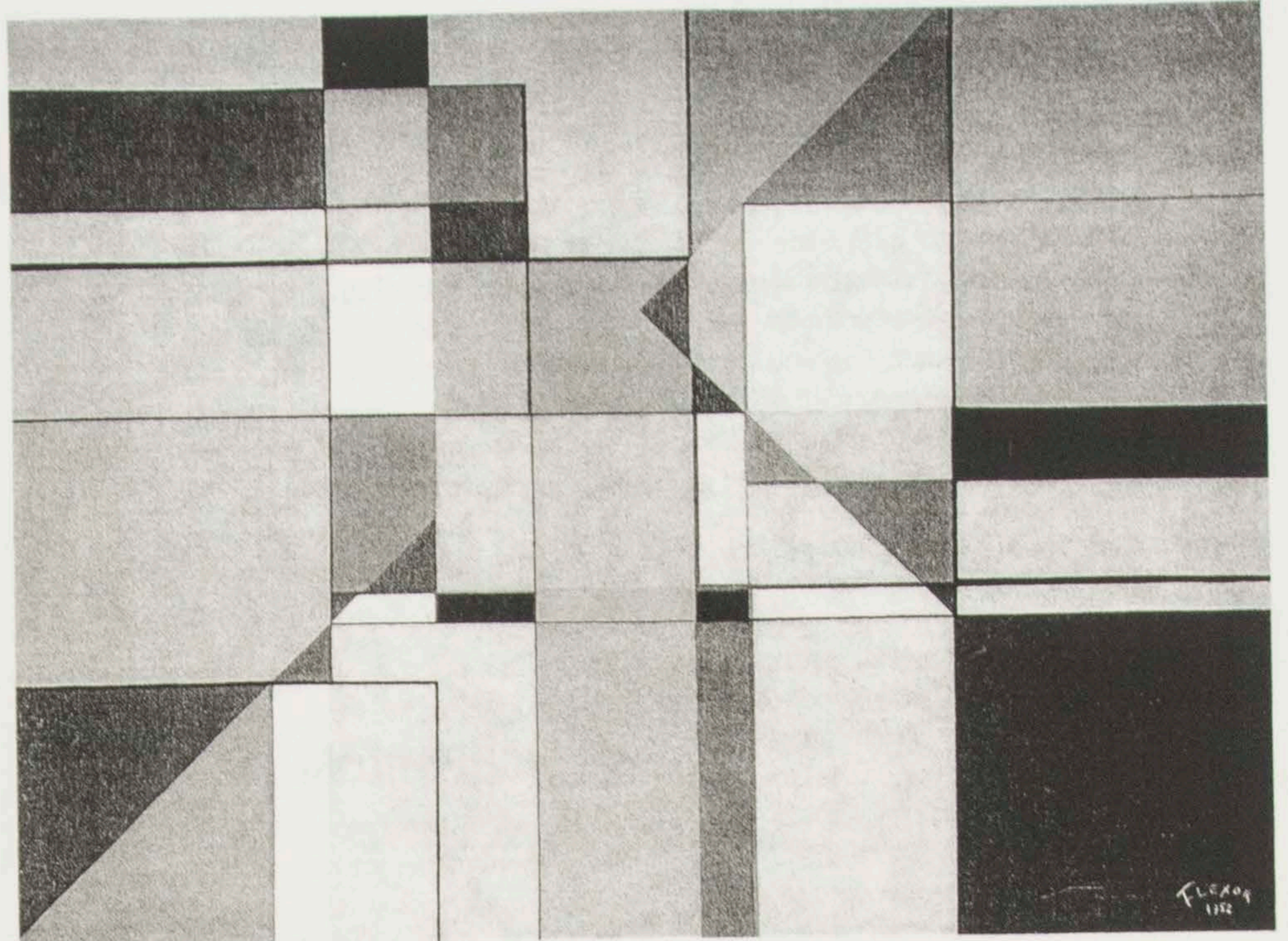
"Meta Esquema 12", de Hélio Oiticica, de 1957

um acervo coerente. Diria que esta é a maior coleção de arte geométrica brasileira dos anos cinquenta. Acho que nenhum museu tem isso. Porém é chato dizer tal coisa", comenta. Diante da pergunta de quantos trabalhos teria em seu carinhoso acervo, ele atira: "Tudo isso não foi formado em dois anos, mas em trinta. Não foi por modismo; foi por prazer."

No entanto, por quê justamente o concretismo e o neoconcretismo brasileiros? Ele, sem titubear: "Foram os dois únicos movimentos do século 20 do Brasil realizados por pessoas sérias, sintonizadas com o mundo moderno, de fato com as reais tendências da arte universal". Assim, sua coleção inclui trabalhos raros de artistas como Volpi, do fim dos anos cinquenta ('É o Verde e Amarelo' que namorei por vinte anos') de Antonio Maluf ("autor do poster da 1ª Bienal de São Paulo") e, ainda, entre outros, do grupo neoconcreto carioca, como Lygia Clark, Hélio Oiticica, Amílcar de Castro, Ivan Serpa e Maria Helena Andrés.

Entre muitos outros meandros do gênero, Adolpho Leirner esconde a arte abstrata geométrica, onde se destacam obras de Maria Leontina, Rubem Valentim, Cícero Dias ("foi ele o primeiro artista geométrico do Brasil, ainda em 1948").

Modesto, senhor sereno, orgulhoso de sua coleção pessoal sempre presente em mostras retrospectivas do gênero, no Brasil ou exterior, ele afirma humildemente: "Não sou crítico de arte. Trabalho a semana inteira e só me dedico ao acervo no final de semana. Sou um artístico", dispara, feliz imodesto.



Uma pintura de Samson Flexor, de 1952

Razão Pura e Sensibilidade

A impecável e rigorosa coleção de Adolpho Leirner centrada na arte geométrica e abstrata com seu núcleo devotado para os artistas do concretismo e do neoconcretismo, além de possuir obras tangenciais como as de Maria Leontina, é um marco no nosso colecionismo. Não só nela existe um meticuloso apuro do gosto, mas também um cuidadoso processo de apuração, de modo que a coleção revela uma sábia mistura de razão pura e sensibilidade.

É uma rara coleção brasileira que se apóia sobre um sistema. Se sua lógica está no prazer formal de uma tendência – esta lógica é uma combinatória, onde se integram com rara felicidade, todos os elementos do

jogo formal que agrada o colecionador. Isto, desde o rigor concreto de um artista como Geraldo de Barros até as "superfícies moduladas", de Lygia Clark – obras clássicas de nossa cultura. A coleção, no seu rigor, contém ainda na sua lógica, o inesperado: as obras abstratas de Cícero Dias.

No fundo, a coleção Adolpho Leirner não se perde em nenhum dado arbitrário. O seu escrupuloso rigor é praticamente um método de como se organizar uma coleção no país. Um exemplo pedagógico de como uma coleção pode ensinar as instituições culturais a organizarem os seus próprios acervos.

Wilson Coutinho

arquitetura
arte/leilão

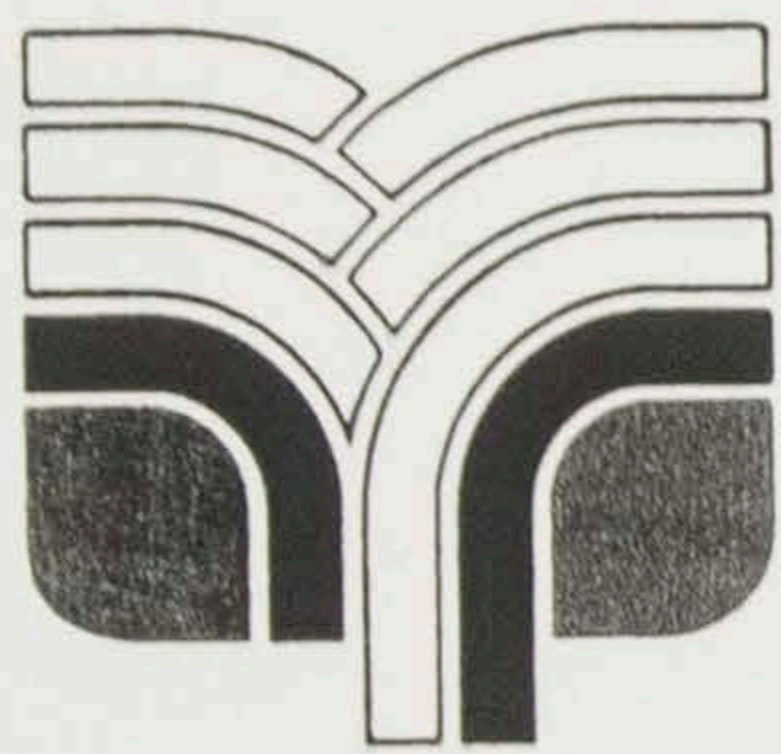
LUIZ ARENA

Rua Manduri, 99 - Jardim Paulistano, tels.: 813-3287 e 813-1956.

NOVEMBRO: FLAVIO SHIRÓ
DEZEMBRO: LEONOR FINI

GALERIA PAPIER

RUA BANDEIRA PAULISTA, 726 - TEL.: 883-5580
DE SEGUNDA A SEXTA, DAS 10 ÀS 20 HORAS.
AOS SÁBADOS, DAS 10 ÀS 13 HORAS.



ARJOMARI

Papéis de arte para gravura,
serigrafia, aquarela,
restauração e conservação
de obras e documentos.

Alameda Santos, 705 - 12º andar, conjunto
121 01419 - São Paulo - SP - Tel.: 251-5911

suem meios científicos para a compilação, pesquisa e arquivamento de dados, servindo como valiosos auxiliares no trabalho de análise e manipulação crítica do material.

A idéia é realizar pequenas e constantes exposições com enfoques específicos e claros, de forma a cobrir a longo prazo a totalidade da produção artística. Apenas, o sério trabalho científico da pesquisa e da compilação, aliado ao empirismo da crítica, análise e inferência, por meio de um programa curatorial definido e sistemático, tem o poder de ajudar a conhecer com abrangência e profundidade a produção artística de um País.

Sheila Leirner

* Mostra Dior

A 1.ª Mostra Christian Dior de Arte Contemporânea, realizada no Paço Imperial do Rio de Janeiro, de 25 de setembro a 15 de outubro, reuniu vinte e oito artistas em uma exposição que, apesar de se ter feito anunciar como um grande evento, não conseguiu dizer a que veio afinal. Não que se negue crédito à iniciativa da Christian Dior em investir em arte, no Brasil e no resto da América do Sul, mas também não se deve esquecer que boa vontade só não põe mesa. Mesmo que o jantar seja a convite. Por inexperiência ou por qualquer outro motivo, o que se viu foi um festival de equívocos desnecessários, a começar pela seleção dos artistas.

Originalmente, seriam 33 os convidados a participar da mostra mas, por razões diversas (entre elas a montagem, que provocou uma defecção na exata véspera da inauguração), ficaram sendo apenas os 28 presentes. Tomie Ohtake, Mira Schendel, Iberê Camargo e Eduardo Sued se recusaram a participar. E Evany Fanzeres, quando se sentiu desprestigiada pela maneira como suas telas foram colocadas, também bateu em retirada. A premiação, divulgada dois dias antes da abertura, ficou para Antônio Dias (cinco mil dólares e uma passagem de ida e volta para Paris), Flávio-Shiró (três mil dólares) e José Cláudio (dois mil dólares). Dias e Shiró nem precisariam ter sido premiados para que se reconhecesse o seu valor: mereceram levar, indiscutivelmente. José Cláudio é um caso mais delicado, e outros poderiam estar no seu lugar.

O grande drama da mostra, contudo, não é esta ou aquela premiação, sempre sujeita a preferências pessoais e, portanto, objeto certo de discórdia. Aos três membros brasileiros do júri - Casimiro Xavier de Mendonça, Frederico Moraes e Marc Berkowitz - juntaram-se

dois outros enviados da França pela Christian Dior - Jacques Lenhardt e Michel Nuredzany -, e não é fácil chegar a um consenso nessas condições. Tampouco é questão de se reclamar da qualidade dos trabalhos, muitos deles recolhidos pelos artistas junto a colecionadores. Há trabalhos fracos de artistas fracos, há trabalhos fracos de artistas tradicionalmente fortes, há trabalhos bons de artistas bons, e apenas uns poucos surpreendem pela qualidade acima da média. Este é, afinal, cardápio esperado em todo evento deste tipo. O que fica como uma incógnita é o critério que levou à escolha dos nomes.

É claro que sempre se pode recorrer ao argumento de que se pretendeu mostrar a diversidade de tendências na pintura brasileira contemporânea. Infelizmente, o argumento nem sempre é saudável quando empregado fora dos campos específicos para os quais foi criado, e quase nunca passa de uma frase bonita mas vazia. Heterogeneidade não significa necessariamente pluralismo ou tolerância, e muitas vezes pode resultar em um nivelamento por baixo. Nem tudo o que existe interessa, e certas presenças na Mostra Dior comprometem tanto quanto as ausências (que, não fosse o argumento da diversidade, poderiam ser facilmente justificadas). É a diferença entre a antologia consistente e a enciclopédia *ratée*.

Além deste problema, intrínseco à concepção da Mostra, houve falhas inexplicáveis na execução. A montagem irregular foi uma delas. O catálogo foi outra: além de uma programação visual menos que passável e de anúncios ao final que o fizeram parecer um programa de espetáculo comercial, o endereço e o telefone dos artistas junto aos textos de apresentação dos mesmos conferiu um ar de "Páginas Amarelas" sem necessidade. Por fim, os artistas que não foram premiados receberam da Esquire Propaganda (encarregada do projeto), não um agradecimento por sua colaboração, mas uma intimação para que retirassem os trabalhos no mesmo dia do término da Mostra, sob pena de... confisco das peças. Depois de terminada a festa, dispensam-se sem mais os artistas que divertiram os convidados. Haja amorismo.

Artistas participantes da 1.ª Mostra CD de Arte Contemporânea: Alexandre Da Costa, Aluísio Carvão, Amélia Toledo, Antônio Dias, Artur Carneiro, Carlos Vergara, Daniel Senise, Dionísio del Santo, Fábio Miguez, Flávio-Shiró, Hermelindo Fiaminghi, Hildebrando de Castro, Hilton Berredo, Ivald Granato, João Câmara, José Cláudio da Silva,

Ass:
Reynaldo
Roels Jr

Fávia Tomaselli
Alexandre Lima

Rubens Gerschman
Sérgio Campesello

Sérgio Romagnolo, Sílvia Franco
e Tomeshige Kusumoto

Luiz Paulo Barwelli
Faciej Babinski,
Fernando de
Souzanetto,

78
Leda Catunda,
Luís Aquino,